



A “DIFERENÇA” NA REESCRITA DA VIOLÊNCIA COLONIAL

THE “DIFFERENCE” IN REWRITING OF COLONIAL VIOLENCE

Angela Mascarenhas Santos*

Resumo: O presente artigo examina o procedimento criativo de reescrita do episódio histórico da colonização espanhola e sua violência, utilizado pelo escritor Silviano Santiago no romance *Viagem ao México*. Para tanto, valendo-se do entrecruzamento discursivo, utiliza o acervo teórico elaborado pelo próprio escritor acerca da temática, a partir da apropriação das noções de “repetição” e “diferença”, segundo elaborações teóricas de Derrida e Deleuze. Da análise empreendida, observa-se que a reescrita, legítimo processo de repetição em diferença, constitui um importante instrumento de ressignificação dos fatos históricos, suplementação do discurso oficial e valorização das diferenças antes recalçadas.

Palavras-chave: violência colonial, diferença, repetição.

Abstract: This paper examines how Silviano Santiago rewrites the historical episode of the Spanish colonization and its violence, in the novel *Viagem ao México*. Thus, this paper also examines the overlapping of the discourses, and it uses the writer's theoretical collection on the subject, and the notions of "repetition" and "difference" elaborated by Derrida and Deleuze. From this analysis, it is observed that the rewriting, as a process of repetition in difference, is an important way for reframing of historical facts, supplementation of the official discourse and appreciation of differences before repressed.

Keywords: colonial violence, repetition, difference

* Mestre em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Introdução

A violência do processo de colonização implementado na era moderna e suas consequências para as ex-colônias sempre constituíram temas de interesse do escritor Silviano Santiago, notadamente em razão das reflexões que elas suscitavam acerca do capítulo da “dependência cultural”, tão em voga na crítica literária do século XX. A temática passeia por todos os gêneros textuais por ele produzidos, desde ensaios até ficção. Essa opção reiterativa faz parte de uma estratégia transgressora adotada pelo escritor, no sentido de que, uma vez assumindo tais acontecimentos históricos – até porque impossível negá-los –, deve-se conferir-lhes significações que possibilitem construir uma identidade a partir da valorização da “diferença”.

Senhor de uma formação plural e multifacetada, o escritor percorreu, desde muito cedo, caminhos que questionavam os sistemas de produção do pensamento hegemônico, privilegiadores de semelhanças e identidades, preferindo filiar-se às correntes que, subvertendo o pensamento platônico, conferiam à diferença e à alteridade valores positivos que lhes retiram a condição de inferioridade até então imputada. Com isso, mune-se das elaborações teóricas de Jacques Derrida (1991; 1995; 2006) e Gilles Deleuze (2006a; 2006b), além dos demais aspectos de desconstrução e reversão do platonismo elaborados pelos dois filósofos. Assim procede exatamente porque esses conjuntos teóricos promoveram um abalo no pensamento metafísico ocidental que sustentou – e até hoje sustenta – as relações de dependência mantidas no decorrer do tempo e ratificadas pela era dita globalizada.

Desta forma, ao revisitar a violência do processo de colonização em seu processo criador, o escritor incorpora-o para, a partir dela, produzir um texto marcado pela “diferença”, com características de transformação, crítica, superação e suplementação, traços próprios dos textos produzidos pelos intelectuais latino-americanos que, compreendendo a extensão de seu papel, colocam-se no “entrelugar” das referências culturais que os constituíram (Santiago, 1978; 1982; 2004).

Com o fito de ilustrar esse procedimento empreendido pelo escritor, o presente artigo analisa o processo de reescrita da invasão espanhola no México, localizado em uma passagem do Canto IX, do romance *Viagem ao México*. Antes, no entanto, faz-se necessária a contextualização da narrativa para melhor entendimento da análise.

Notas de Viagem

O romance *Viagem ao México* relata a viagem do dramaturgo francês Antonin Artaud ao México realizada no ano de 1936, com o objetivo de buscar na cultura ancestral mexicana elementos de renovação do decadente teatro burguês ocidental e da sociedade europeia. Apesar de acolher na narrativa diversos dados históricos e biográficos de Antonin Artaud e do próprio Silviano Santiago, trata-se de uma escrita ficcional.

Paralelo à narrativa da viagem de Antonin Artaud, Silviano Santiago reflete sobre o processo de colonização do Novo pelo Velho Mundo, a dependência cultural e as relações pós-coloniais; sobre a constituição da identidade e da alteridade na América Latina; e, ainda, sobre o papel do escritor na sociedade moderna, particularmente do escritor latino-americano, associado ao processo de elaboração da escrita.

O leitor adentra ao romance *Viagem ao México* sendo recebido por um exórdio que, como o nome denuncia, faz um preâmbulo da narrativa, alertando quanto aos elementos de sua composição. Aqui o narrador – que também é escritor – entra em cena, expondo a assimilação da tradição etnocêntrica e o diálogo que com ela se estabelecerá, não se esquivando de esclarecer que a “diferença” será a grande mediadora.

A primeira parte do romance, denominada “Preparativos”, relata desde os fatos que influenciaram a decisão de Artaud em fazer a viagem até a adoção das providências práticas para sua realização. No “Canto I”, já se percebe o caráter fragmentário da narrativa, uma vez que ela dá-se a partir de uma personagem localizada na Paris da década de 1930 e de um narrador situado no Rio de Janeiro da década de 1990. Nele também são encontradas informações quanto à situação de Artaud no verão de 1935, momento em que decide pela viagem, e à forma como se estabelece o diálogo entre o narrador e o protagonista. No “Canto II” a narrativa retroage um pouco mais no tempo para contar os contatos de Artaud com as experiências do teatro oriental na Paris de 1931 e na Marselha de 1922 que tanto influenciaram suas propostas teatrais. Segue-se o “Canto III” mostrando uma tentativa de desintoxicação de Artaud como uma necessidade preparatória para a viagem. No último canto dessa parte, o “Canto IV”, o protagonista envolve-se com as providências práticas para a viagem.

A segunda parte, “As viagens”, dedica-se ao trajeto de Paris até o México, iniciando-se com o “Canto V”, no qual a narrativa está localizado na Antuérpia de 1936, local de passagem para os viajantes, assim como Artaud. O “Canto VI”, de sua parte, trata do período em que Artaud ficou a bordo do *Albertville*, o transcurso da viagem e suas inquietações. No “Canto VII” o narrador assume de modo mais pessoal a narrativa, para esclarecer algumas questões relativas à estratégia ficcional adotada e refletir um pouco sobre a situação de Cuba em 1993, estreitando o colóquio com Artaud, que faz uma escala em Cuba em seguida. Esta visita à ilha cubana faz parte do relato constante do “Canto VIII” e corresponde a um momento de crucial importância para a narrativa, por significar a “morte” e o “re-nascimento” do protagonista, preparando-o para a chegada ao México.

A terceira parte, finalmente, passa-se “No México” e é iniciada pelo “Canto IX”, que trata da chegada de Artaud naquele país pela cidade de Vera Cruz e o deslocamento até à cidade do México, seu destino final. Deste Canto foi extraído o trecho objeto de análise neste trabalho. O “Canto X” subverte ainda mais a fragmentária narrativa, desde quando tem início com uma visita que a personagem principal faz ao narrador no Rio de Janeiro de 1994, oportunidade em que são abordados aspectos da crítica literária e teatral da década de 1990, para em seguida retornar a narrativa para a cidade do México de 1936, relatando os primeiros momentos de Artaud na cidade. O “Canto XI” tem início com uma série de questionamentos sobre a situação da América Latina, aos quais se sucede o relato de fatos referentes à estada de Artaud na cidade do México, a forma como é recepcionado pelos amigos de Torres Bodet e os primeiros problemas causados pelo vício. O “Canto XII” prossegue com o relato dos dias do protagonista no México, focando as decepções sofridas com o contato com os mexicanos, inclusive os intelectuais, e o princípio da compreensão de que sua viagem não atingirá a finalidade. No último canto do livro, o “Canto XIII”, o fracasso da viagem fica evidenciado, quer porque Artaud não conseguiu desvencilhar-se do vício, quer porque não encontrou a ancestralidade asteca que tanto procurava, quer porque o seu projeto não foi compreendido, principalmente por contrariar as propostas nacionalistas da

época. Perante tantas frustrações, ele decide ir ao interior do país para estabelecer contato com os índios Tarahumaras, na tentativa de encontrar a ancestralidade mexicana que tinha ido buscar e, até aquele momento, não tinha sido encontrada.

Reescrita de Fatos

O longo resumo do romance ajudará a compreender exatamente a passagem do Canto IX, selecionada para análise. Apesar de todos os contatos mantidos antes da viagem, ao chegar ao México, Artaud não é esperado por ninguém que possa recebê-lo e ajudá-lo no deslocamento até a capital. Por isso, é obrigado a pernoitar na cidade de Vera Cruz para, apenas no dia seguinte, dar prosseguimento à viagem.

Devidamente acomodado em um hotel, no momento em que se prepara para dormir, estabelece-se mais um diálogo entre o narrador e o protagonista, provocado pelo surgimento de espectros astecas e espanhóis, conforme demonstra a transcrição ora efetuada:

[...] Do subsolo da praça, como zumbis, levantaram espectros que num pulo espetacular vieram se familiarizar com os dois estrangeiros de passagem pela cidade. De supetão, os espectros astecas e espanhóis se apropriam das nossas vozes e maquinam as nossas falas, com o único intuito de entrelaçar acontecimentos históricos do passado com os do presente e os do futuro, para que sejam todos magnetizados pelo poder concreto dos sussurros rememorativos que sopramos mediunicamente das nossas bocas. [SANTIAGO, 1995, p. 263/264]

Vê-se que Artaud é recebido não por um representante da intelectualidade local, como esperava, mas por espectros desse triste passado colonial, ainda tão vívido no momento histórico e social revelado no romance. A partir de então, a ficção dá lugar à representação da invasão espanhola no México e do processo de destruição do povo asteca, realçando, inclusive, a violência ali configurada. Note-se que não se trata de uma narrativa em *flashback* dentro da narrativa principal; trata-se de uma ruptura na linearidade da narrativa para tornar presente (no presente da narrativa) aqueles fatos localizados no passado histórico do povo mexicano. O escritor promove uma verdadeira reescrita do discurso histórico oficial, portador da tradição, fazendo-o, contudo, numa “repetição” em “diferença”.

Silviano Santiago, ao longo de sua produção teórica, chama a atenção para o papel transgressor do intelectual latino-americano, configurado na forma como este deve se apropriar do passado histórico e da dependência cultural para, a partir deles, construir um texto em “diferença”, que possibilite a crítica, a transformação e a superação do modelo. No texto “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 1978), pontua que o processo de colonização contemplou o encontro de duas culturas por tudo distintas, inclusive no interesse de dominação que uma (a europeia) tinha sobre a outra (a autóctone). Como corolário dessa dominação, havia o interesse em transformar a América em simulacro da Europa através do extermínio dos traços originais e do esquecimento da origem, razão por que a duplicação apresenta-se como única regra válida de civilização, apagando todo e qualquer traço da cultura dos povos conquistados.

Invertendo o discurso histórico, surgem, no campo do conhecimento, a antropologia e a etnologia, desnudando a violência dos processos de colonização e resgatando parte das culturas autóctones destruídas. Em face da inversão promovida pelas novas concepções desse processo, o intelectual latino-americano fica diante do dilema entre voltar-se para o modelo etnocêntrico, que sempre lhe atribui o signo da inferioridade, do atraso e da dependência, ou voltar-se para a cultura apagada, que não pode ser, de todo, recuperada. Como proposta para solução do dilema, Silviano Santiago apresenta uma outra perspectiva para os estudos comparatistas, a partir da valorização da “diferença”, e elabora o conceito de entrelugar, no qual, conforme estudo de Rachel Esteves Lima (1997, p. 175), “[...] cabe ao discurso dos ‘dominados’ um trabalho antropofágico que ofereça uma resposta aos padrões ocidentais de unidade e pureza, evitando uma ‘tradução literal’ desses valores e propondo uma ‘tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão’”.

A temática volta a ser objeto de abordagem crítica de Silviano Santiago no ensaio “Apesar de dependente, universal” (SANTIAGO, 1982), quando reafirma a inevitabilidade da dependência cultural e busca a inserção diferencial na totalização universal. Elaborada a proposta de construção do entrelugar do discurso latino-americano a partir do signo da “diferença”, ela ecoa em vários outros textos do mesmo professor, como no artigo “Vale quanto pesa” (SANTIAGO, 1982).

O “texto-da-diferença” proposto por Silviano Santiago, como já anteriormente referido, tem por alicerce as discussões acerca da noção de “diferença” desenvolvida a partir das elaborações teóricas de Deleuze – que pensa a diferença em si mesma e não como correlato da identidade, afirmando-a como potência primeira – e Derrida – para quem a escritura se constitui em um espaço propício para a manifestação da diferença.

Assim sendo, ao promover a reescrita do episódio histórico, trazendo à luz, principalmente, a violência do processo resultante do desejo de dominação e da intolerância com a alteridade, o escritor se vale exatamente da estratégia construída em sua produção textual para o enfrentamento da dependência cultural e outros efeitos do processo colonial. Na passagem ora destacada, o narrador e o protagonista cedem suas vozes para os espectros astecas e espanhóis falarem, conferindo espaço principalmente para o índio, suplementando o discurso histórico, no particular, tal como ora vemos: “Deixa os espectros falarem, você me ordena no momento em que, aterrorizado com a multidão deles, estou pronto para atirar janela abaixo o índio mais falante de todos” (SANTIAGO, 1995, p. 264).

A “repetição” se dá em “diferença” exatamente porque a representação ali construída abre espaço para o discurso do dominado, do povo exterminado no processo de colonização, que durante anos foi calado e recalado, revelando, inclusive, as nuances da violência perpetrada, como se vê desta passagem:

Em outro e distante fevereiro, no dia 10 do mês, – é o que, por artimanhas dos espectros, sai da sua boca, Artaud –, no ano de Ce Áctli, ano de Quetzalcóatl, em 1519 do vosso calendário, retorna do Oriente ao México o deus branco e barbudo, à frente de quinhentos e oito soldados, todos vestidos de alto a baixo com ferro. Trazem dezesseis cavalos nas caravelas a mais numerosíssimas armas de fogo que matam e arrasam. Ferro, pólvora e cavalos. [SANTIAGO, 1995, p. 264]

Com isso, o discurso até então dominante sofre rasura em seu conteúdo, desde quando tem seu ponto de vista alterado. Daí emerge a versão não-oficializada e anteriormente recalcada, resgatada apenas a partir dos estudos etnográficos e antropológicos amplamente recepcionados pelo trabalho do escritor. A reescrita demonstra, ainda, que do contato de culturas distintas emerge o estranhamento, muitas vezes acompanhada de desrespeito e desejo de dominação, tal como verificado no trecho que se segue:

O sacerdote Yalichan oferece também a Cortés o sacrifício de um índio. Irritado com a oferenda tão bárbara, Cortés mata com a própria espada o sacerdote asteca que lhe oferecera o sangue humano. E neste mesmo momento o Comandante da frota ordena que disparem o canhão mais potente. Pelo estrondo e o desastre, diz Cortés, quero que se afirmem a vontade e o poder dos recém-chegados. [SANTIAGO, 1995, p. 267]

Ao trazer à tona a violência do processo de colonização, o escritor ao mesmo tempo em que assume o caráter inevitável da tradição histórica, contesta o seu conteúdo e sua prática de relegar as narrativas dissonantes, ou qualquer outra produzida pela margem do mundo etnocêntrico totalitário, ao segundo lugar, à condição de mero simulacro e, por isso, distanciada da suposta verdade. O escritor compreende a história como linguagem, rasurando o seu poder de verdade e sua hierarquia em face dos demais discursos, e ao promover a reescrita dos fatos no interior de um texto reconhecidamente ficcional, escancara esse questionamento.

Na retomada do episódio histórico, como já mencionado, não se opera um retorno ao tempo passado, mas uma atualização dos fatos em nítida ruptura da linearidade. A relação tempo/espaço da narrativa abala a linearidade típica da narrativa clássica, posto que esta tem como característica a alteração de estado sofrida por personagens em ação, ao longo de um determinado espaço e tempo, ordinariamente, linear, o que não se observa em *Viagem ao México*, pois aqui se observa uma relação tempo/espaço que não encontra paralelo no pensamento metafísico ocidental.

Assim procede por estar amparado nas proposições desconstrutoras já expostas, segundo as quais a escritura possui um tempo próprio que deve ser considerado em seus limites, sob os quais são construídos os jogos significativos. Trata-se de um tempo diferido em face do movimento da “diferença” (temporização), ao qual se relaciona uma demora um retardamento (espaçamento). Diante disso, o tempo da escritura considera não apenas a descontinuidade dos elementos de uma cadeia de significação, mas também um retardamento desses elementos e a constituição de um espaço entre eles, que permitam o contato dos diversos elementos em níveis diversos em duração e em profundidade.

Por tudo isso se torna possível que a ação do romance envolva uma personagem localizada na Paris da década de 1930 e um narrador no Brasil da década de 1990. Essa ruptura temporal e espacial fica clara desde o princípio da narrativa. Não se trata de uma narrativa localizada em 1992 com cenas em *flashback* para 1935; trata-se de uma narrativa que acontece a partir da relação de duas personagens situadas em tempos e espaços diversos e, pela lógica racional, incomunicáveis. Com isso, Silviano Santiago estabelece uma narrativa em tempos distintos, associando os dois momentos, colocando dois intelectuais (Antonin Artaud e o narrador), duas cidades/países (Paris/França e Rio de Janeiro/Brasil), dois tempos (1930 e 1990) e dois mundos (o Velho e o Novo)

em contato. Em algumas passagens essa ruptura é acentuada ainda mais, como no trecho ora trazido para análise.

Silviano Santiago promove o confronto de tempos distintos em outros romances seus – *Uma história de família* (1992), *De cócoras* (1999) e *Heranças* (2008a) –, que se dá como estratégia para a personagem, compreendendo episódios antigos de sua própria vida, atar os fios da memória e construir uma narrativa que lhe permita compreender a si próprio. No romance sob análise, contudo, o artifício é diferente, pois apesar de tratar-se de um diálogo proposto entre dois intelectuais situados em tempos e lugares diferentes, nesse interstício temporal não teria ocorrido nada de importante ou significativo. Logo, o confronto entre os dois tempos teria o condão maior de recuperar uma “sucessividade” histórica inutilmente interrompida do que de rompê-la. Denuncia, com isso, mais uma vez, o caráter ilusório da história e da sucessividade.

A ruptura da linearidade torna-se ainda mais acentuada no modo como a narrativa volta-se para a trágica história da dominação espanhola no solo mexicano, oportunidade em que o narrador cede a palavra a espectros astecas e espanhóis, sinalizando que, apesar de decorridos quase quinhentos anos, continuam sendo vivenciadas as sequelas do processo colonial como verdadeiros fantasmas sociais.

Considerações Finais

Viagem ao México traz em seu seio a crítica ao projeto da modernidade, focando, principalmente, o caráter expansionista e o modo como se deu (dá) a (neo-)colonização por parte dos países ricos. O processo de reescrita aqui examinado ocorre numa narrativa de fim de milênio não sem razão de ser. Todos os questionamentos acerca da dependência cultural e da constituição da “diferença” como estratégia de resistência, elaborados a partir da reflexão do processo de colonização cultural, são pertinentes e oportunos diante da proposta de globalização apresentada pelas nações hegemônicas, principalmente a norte-americana, desde quando esta proposta mantém um centro difusor de valores considerados universais. Na era dita globalizada continua a se observar a estratégia de dominação do mesmo ideário etnocêntrico que, desta feita revestido do discurso ideológico do progresso, contempla um único padrão cultural e uma única história – a “história cultural patriarcal do Ocidente” –, excluindo e suplantando os demais padrões culturais, novamente recalçando a cultura do outro. Atente-se, ainda, para o fato de que a literatura também se apresenta como um dos espaços de elaboração desse ideário pretensamente universal.

No entanto, em face dessa perspectiva do discurso etnocêntrico, mais uma vez a constituição da “diferença” apresenta-se como estratégia de resistência, principalmente pelos grupos excluídos do processo de dominação, até porque se afigura como uma questão crucial do pensamento contemporâneo, o que torna compreensível o processo de reescrita do discurso histórico no espaço ficcional, numa narrativa de fim de milênio.

Diante de tantos questionamentos, pode-se considerar que o romance filia-se a um projeto de convocar o intelectual moderno a pensar sua responsabilidade social e, especificamente, o intelectual latino-americano a pensar a situação específica do continente num mundo que, sob a máscara da pretensa globalização, nada mais procura do que infirmar valores eleitos pela razão etnocêntrica.

A reescrita de fatos históricos, em legítimo procedimento de repetição em diferença que possibilita a crítica, a transformação e a superação do modelo não tem, como esclarece Eneida Leal Cunha (1997), o poder de alterar os episódios que integram a história colonial, mas possibilita uma outra forma de o presente apropriar-se dessa história, alterando-lhe os sentidos até então atribuídos, construídos a partir da razão iluminista etnocêntrica.

Referências

- CUNHA, Eneida Leal. Leituras da dependência cultural. In SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Navegar é preciso, viver: ensaios para Silviano Santiago**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 126-139.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.
- DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. En: Deleuze, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006b. p. 259-271. (Col. estudos, vol. 35).
- DERRIDA, Jacques. A diferença. En: Derrida, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas: Papirus, 1991. p. 33-63.
- DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Col. debates).
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Col. estudos, vol. 16).
- LIMA, Rachel Esteves. A crítica cultural na universidade. In SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Navegar é preciso, viver: ensaios para Silviano Santiago**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 170-186.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTIAGO, Silviano. **Viagem ao México**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Recebido: 30/05/2011

Aprovado: 20/07/2011